Solo impermeabilizado

Para Juliana Ramalho, de 15 anos para cá, a área central de Brasília passou por um processo intenso de impermeabilização do solo. As quadras 700 e 900 foram ocupadas, novas pistas de escoamento de veículos criadas, a cobertura original foi devastada e algumas nascentes, aterradas. "Qualquer área de terra nua absorve água. A partir do momento que é coberta por cimento ou asfalto, a área perde esta característica importante", explica Juliana Ramalho. "A água que não é absorvida tem de escoar para algum lugar, por isso os alagamentos", completa a professora da UnB. As tesourinhas, em um nível mais baixo do que o das pistas por onde transitam os carros, acabam sendo o local onde a água da chuva empoça.

Os problemas se concentram no lado par da cidade porque ele é naturalmente mais baixo do que o lado ímpar. Isso, no entanto, não quer dizer que as mudanças para correção precisam ser feitas no local onde ocorrem. "Muitas vezes, o alagamento acontece em um ponto. Mas, a correção dele precisa ser feita em outro ponto, bem mais alto", afirma a arquiteta Maria do Carmo Ribeiro, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UnB. Ela aponta as mudanças de destinação de área pública como uma das principais causas para os alagamentos do Plano Piloto. "Terrenos que eram destinados a colégios, agora tam-

bém são usados para construir prédios de quitinete, isso aumenta muito a impermeabilização", completa.

A mesma análise foi feita pelo ex-coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB, Gustavo Souto Maior, hoje sub-secretário de Meio Ambiente do DF. Mas ele cita como exemplo de impermeabilização a construção de ruas por toda Brasília. "Parece que está chovendo demais, quando, na verdade, nós é que alteramos a possibilidade de a água se escoar", afirma Souto Maior. Projetado ainda na construção da cidade, o sistema de bocas de lobo do Plano Piloto não consegue dar conta de escoar a água das chuvas das ruas.

As outras áreas apontadas no relatório do Laboratório de Climatologia da UnB também padecem com alagamentos ou porque houve mudança de sua destinação original ou porque foram ocupadas de forma desordenada. Vicente Pires, em Taguatinga, é um exemplo. Previsto para ser uma região agrícola, o bairro acabou sendo ocupado por vários condomínios fechados. Tendo a vegetação e o solo sido substituídos por cimento e asfalto, os pontos de empoçamento de água aumentaram muito. Situação agravada pela falta de planejamento urbano, já que as ocupações aconteceram sem a preparação de uma rede de captação de água da chuva.

COLABOROU ANDRÉ BEZERRA